

Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico: Mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero

Camille Johann Scholl

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil
mille_js@hotmail.com

Resenha da Obra: FURTADO, Cláudio Alves. GOMES, Patrícia Godinho. *Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico* - Mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero. Salvador: EDUFBA, 2017, 307 pp.

“Eis o propósito do presente livro, cuja pretensão é abrir possibilidades, lançar desafios, virar a língua” (Patrícia Godinho Gomes, Introdução)

A obra “Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico – Mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero” aglutina ensaios produzidos por pesquisadoras africanas e brasileiras problematizando questões referentes ao campo dos estudos de gênero. A obra tem como alvo da análise, em uma primeira parte, diversos contextos temporais e espaciais do continente africano e, em uma segunda parte, os brasileiros, com enfoque na questão da diáspora africana.

A obra faz uma compilação e propõe um diálogo entre pesquisas produzidas no Brasil a respeito de contextos africanos e afro-brasileiros, a partir de diferentes óticas que problematizam questões de gênero. Na introdução, a intelectual oriunda da Guiné-Bissau, Patrícia Godinho Gomes, organizadora da obra junto a Claudio Alves Furtado, intelectual caboverdiano, ambos locados na UFBA, lança uma gama de reflexões atuais, relevantes e abrangentes a respeito de como as ciências humanas no Brasil propõe-se a pensar a respeito das mulheres e do gênero quando tratam de objetos e contextos “não ocidentais”.

Neste escopo, a obra propõe-se a fazer um diálogo aberto entre dois locais, pelo qual o título da obra já apresenta, o lado “de lá e de cá do Atlântico”, África olha para Brasil – ou Brasil olha para a África – narrando possíveis “encontros e desencontros”. A proposta de reflexão que atravessa a obra é pensar experiências de mulheres em África e Brasil assim como propor, junto à crítica provinda do pensamento feminista produzido

em África, como pensar a partir de outras categorias e instituições que não sejam aquelas usuais que acabaram por dominar a historiografia. E, sobretudo, o questionamento trazido por este feminismo de que o problema de gênero é epistemológico, ou seja, já nasce intrinsecamente ligado a uma perspectiva ocidental.

A primeira parte do livro tem como alvo analisar os contextos da África Subsaariana a partir de diferentes ensaios. O texto inicial é de autoria de Patricia Godinho Gomes e trata a respeito das mulheres guineenses na produção intelectual do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa no contexto da atual Guiné-Bissau. A autora faz uma reflexão sobre a inserção de diferentes mulheres na luta de libertação desta colônia portuguesa e a sua inserção nas instituições pós independência, sobretudo sua conformação enquanto intelectuais. O texto preza por fazer uma reflexão mais geral sobre a produção do conhecimento em África, refletindo com as ideias de Paulin Houtondji, quando pensa a estraversão dos conhecimentos produzidos por africanos sobre o continente africano. Na sequência, debate as questões de gênero, junto as ideias da socióloga nigeriana Oyèwùmi, criticando categorias analíticas e aplicabilidade de conceitos ocidentais para o continente africano. Por fim, faz um interessante diálogo com pensadores guineenses, Carlos Lopes e Diana Lima Handem, costurando com o contexto da Guiné-Bissau.

Os próximos textos desta primeira parte apresentam contextos variados: Lorena Lima Marques apresenta o ensaio “Vozes Femininas nas Esferas de decisão da Guiné-Bissau”, pensando os espaços da mulher guineense na política ao longo do tempo ao mesmo tempo que apresenta de que maneira as organizações femininas da sociedade civil se conformaram, em forma de rede de apoio, costurando, logo no início do texto com um panorama da história das mulheres na região apontando para as mais relevantes bibliografias sobre o tema. Ainda sobre a região em pauta, o texto de Eufêmia Valente Rocha analisa questões de mobilidade e gênero em Cabo Verde, pensando a experiência da rabindância, do comércio realizado por mulheres, nas ilhas, em uma perspectiva histórica, mostrando protagonismos de mulheres.

Para o contexto do Senegal, Fatime Samb realiza uma análise do romance “Ume si longue lettre” de Mariama Bâ. A autora apresenta ao público brasileiro esta escritora representante do que Samb coloca como “literaturas femininas africanas”, ou seja, literaturas feitas por mulheres e sobre mulheres. A autora apresenta Bâ como precursora da participação das mulheres na intelectualidade dentro do Senegal e analisa a trajetória desta mulher junto ao contexto internacional, costurando com o debate a respeito da

obra da autora na qual ela trabalha com a temática da poligamia, evidenciando diversas problemáticas de gênero relacionadas ao mundo afro-muçulmano.

Na sequência, a análise de Cristiane Soares de Sousa se volta para a experiência de mulheres prostitutas no Moçambique pós independente, pensando a concepção de prostituição empregada pela Operação Produção. A autora faz uma análise da Operação de Produção enquanto uma política e logo depois costura uma análise da experiência das mulheres dentro deste contexto, pensando sobretudo àquelas que estavam à margem da sociedade. Sousa enfatiza a análise sobre a política de controle do corpo feminino implantada pela Frelimo e questiona os limites da emancipação propostos pelo partido.

O último texto desta primeira parte tem como título “Gêneros, feminismos e culturas africanas: repensando os estudos africanos a partir da universidade” escrito por Soledad Vieitez-Cerdeño. A autora faz um belo fechamento para esta parte discutindo as relações entre gênero, desenvolvimento e transformação em diversos níveis, assim como pensa, em um segundo momento, como mulheres foram estudadas e como o feminismo africano, no plural, se colocou. Tendo isto em vista, a autora discute os espaços institucionais de possibilidade de discussão das relações supracitadas, elencando uma série de espaços institucionais e compilando bibliografias que trabalham com estas temáticas. Por fim, a autora faz projeções para o futuro dos estudos de gênero no que tange a África e nos apresenta com um longo apontamento de referências bibliográficas.

Na segunda parte da obra são abordados os contextos afro-brasileiros que se concentram nas experiências da região nordeste do Brasil. A seleção de textos que compõe esta parte da obra prezou por variar os espaços geográficos assim como pelas temporalidades. Nesta parte da obra há um debate teórico e conceitual menos intenso que na parte que diz respeito a África Subsaariana e trabalha mais no viés de estudos de caso.

O primeiro ensaio é de Luciana Falcão Lessa, no qual apresenta uma pesquisa histórica sobre a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos pensando como as práticas culturais de origem africana se ressignificaram. A autora reflete sobre as formas de religiosidade popular no município de São Gonçalo dos Campos situado no Recôncavo Baiano. Ela articula gênero, raça, identidade e afetividade em sua análise, debatendo com autores consagrados para pensar estas relações, tais como Memmi e Fanon, na busca de pensar a trajetória de mulheres dentro da Irmandade.

Já Beztriz Giugliani tem uma abordagem que relaciona políticas públicas, racismo e questões de gênero e realiza um estudo de caso também no Recôncavo Baiano.

A autora pensa as construções do que ela chama de masculinidades “racializadas” em contexto escolar e de que maneira estas questões condicionam trajetórias de jovens negros. Giugliani faz uma interessante análise que relaciona o desempenho escolar e as construções de masculinidade e feminilidade, considerando questões de gênero e sexualidade como de difícil debate em espaços escolares ainda mais quando debatidos com a questão racial.

Os dois próximos ensaios que seguem analisam os diferentes contextos no estado do Maranhão, pensando experiências plurais de mulheres. O texto de Viviane de Oliveira Barbosa trata das “Mulheres que quebram coco” e visa pensar as suas formas de organização e mobilização política assim como as sociabilidades. O texto trata de mulheres que são as “quebradeiras de coco babaçu” politicamente organizadas que deliberaram enfrentar restrições e imposições de fazendeiros e grileiros da região, assim como se mobilizaram para impedir a derrubada das palmeiras de babaçu. A autora contextualiza historicamente este movimento e pensa suas identidades, assim como pensa a forma com que este movimento local se transformou em translocal e em que instância o mesmo incide nas suas identidades, valores e percepção do que seria cidadania e igualdade de direitos.

No outro ensaio que explora o estado do Maranhão, Tatiana Raquel Reis da Silva estuda o universo da prostituição feminina na cidade de São Luís em uma perspectiva transgeracional. A autora pensa experiência de mulheres na prostituição, em um primeiro momento, em um panorama histórico, analisando as modificações no espaço urbano desta cidade ao longo do tempo para, em um segundo momento, apresentar os resultados de seu trabalho de campo, mostrando a visão de mulheres mais velhas que trabalhavam nos prostíbulos sobre a prostituição nos tempos atuais, refletindo temas importantes a respeito de questões de memória.

O último ensaio de nome “Virando a língua de cá e de lá: mulheres africanas ao sul do Saara e mulheres negras brasileiras em nossas produções, trocas possíveis”, de Vilma Reis, finaliza com maestria a proposta do livro. Segundo o epílogo do livro, escrito por seu organizador Claudio Alves Furtado, este foi o texto que conseguiu um diálogo efetivo, ou seja, realizou um exercício reflexivo que apontou “diferenças e comunalidades” entre os lados “de lá e de cá do atlântico” no que se refere a busca lançada na introdução do livro por Patrícia Godinho Gomes, no que tange as “alternativas teóricas heurísticamente significativas” e lança horizontes para pesquisas futuras.

Reis inicia o seu ensaio fazendo uma crítica a ausência da partilha de texto de escritoras e acadêmicas da África Negra no Brasil. Ela faz a defesa de “virar a língua”, ou seja, um esforço veemente no sentido de colocar estes mundos em diálogo a partir da tradução e da partilha destes textos, tanto do lado “de lá” como “de cá”. A falta de diálogo entre as brasileiras e as mulheres dos diferentes países da denominada África Negra é grave pois é marcado pela ausência e invisibilidade e tal desemboca em impactos políticos negativos que enfraquecem os debates de gênero e racismo no Brasil. Neste escopo a autora apresenta brevemente a trajetória de autoras africanas e afro-brasileiras, historicizando os movimentos de mulheres. A autora lança a semente nestas trocas, apontando para vários caminhos de diálogo e referenciando diversas obras e pensadoras importantes.

Esta obra, em seu conjunto, apresenta diferentes temáticas e representa uma seleção de estudos de alguns espaços geográficos no continente africano e no Brasil, limitando-se a região nordeste, na busca de lançar, de forma pontual em cada ensaio, reflexões a respeito de questões de gênero e mulheres. O maior ponto positivo da obra, em sua completude, é que situa o leitor nas principais críticas provindas do feminismo e dos estudos de gênero produzidos por intelectuais africanas e compila uma ampla gama de bibliografias atuais sobre a temática de gênero e mulheres, pouquíssimo conhecidas no Brasil.

A obra propõe diferentes olhares para múltiplos objetos, atravessados pelos estudos sobre gênero e mulheres, constituindo-se como uma obra atravessada pela ótica de diferentes disciplinas. De igual forma, é atravessada por reflexões que dizem respeito aos estudos étnico-raciais, portanto, não deixam de relacionar as categorias de gênero e raça.

Apesar de ser uma codificação de diferentes ensaios e não realizar um debate direto que coloca frente a frente os contextos africanos e afro-brasileiros apresentados, esta compilação é relevante pois foi bem organizada de forma a lançar, na sua introdução e no seu último ensaio e pós-fácio, elementos para amarrar o debate, assumindo, no final, as possibilidades e limitações da obra.

É neste sentido que Claudio Alves Furtado realiza considerações finais sobre a obra dizendo que as contribuições dos ensaios não dialogaram entre si efetivamente e que não houve um exercício reflexivo comparativo, muito embora até esta limitação tenha deixado evidente a falta de conhecimento e diálogo entre Brasil e África, das lutas políticas, sociais e da produção intelectual, elemento o qual, defende Furtado, faz parte

de um processo inscrito na colonialidade que subalterniza e invisibiliza tudo que esteja do lado de fora do “mainstream colonial e hegemônico”.

Por fim, Furtado aponta para as possibilidades de pesquisa que a obra, em sua totalidade, suscita que são reposicionar as mulheres negras, brasileiras e africanas, enquanto agentes inscritas na história e na historiografia, assim como a necessidade de um esforço de realizar estudos comparativos, quebrando os “grilhões das disciplinas”, entre os lados “de lá” e “de cá” do Atlântico, pensando resistências, agências e revisitando abordagens teóricas e metodológicas produzidas em ambos os espaços.

Esta obra, em sua totalidade, demarca questões relevantes para os estudos de gênero e mulheres, sobretudo em seu esforço de pensar contextos africanos e diaspóricos a partir de categorias e conceitos específicos para estes objetos. Sobretudo, o conjunto de ensaios revelam as possibilidades florescentes para colocar os estudos de área africanos e afro-brasileiros em diálogo, apontando para plurais encontros e desencontros, necessários para que estes estudos se desenvolvam.

SOBRE A AUTORA

Camille Johann Scholl é doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Recebido em 29/05/2018

Aceito em 17/07/2018